

eling^{UP} | VOL. IX | N.º 2 | 2020

À CONVERSA

COM A PROFESSORA DOUTORA MARIA DA GRAÇA PINTO



SEPARATA

Revista de Linguística dos Estudantes
da Universidade do Porto

Entrevista à
Professora Doutora
Maria da Graça Pinto



FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Separata da Revista *eling^{UP}* - Entrevista à Professora Doutora Maria da Graça Pinto

ORGANIZAÇÃO: António Leal, Purificação Silvano, Carlos Silva, Joana Ferreira, Mariana Ribeiro, Rute Rebouças, Violeta Magalhães

Esta edição é financiada pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, ao abrigo do Programa de Financiamento FCT - UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CLUP

DESIGN DA CAPA: Maria Nery

ANO DE EDIÇÃO: Impresso em novembro de 2020

COLEÇÃO: Revista de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 100 exemplares

ISBN: 978-989-8969-66-8

A Professora Maria da Graça Pinto é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O seu trabalho desenvolve-se no campo da Psicolinguística e da Neurolinguística, tendo-se doutorado em 1984 com uma tese intitulada *Abordagem a alguns aspetos da compreensão verbal na criança. Estudo psicolinguístico genético do Token Test e de materiais de metodologia complementar*. Tal trabalho, ao qual se junta um outro documento complementar acerca das contribuições neurolinguísticas para a compreensão de um caso de dislexia profunda, valeu-lhe, dois anos mais tarde, o Prémio Gulbenkian de Ciência (1986).

A carreira da Professora Maria da Graça Pinto é marcada, entre outros aspetos, pela sua transversalidade e pluricentrismo. Aquando do seu doutoramento, obteve a orientação da Professora Hermina Sinclair, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Génève, e do Professor de Neurologia e Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Celso Cruz, com quem também colaborou, entre 1977 e 1995, no Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de São João, no Porto. Trabalhou ainda, entre 1979 e 1998, com a Professora Andrée Girolami-Boulinier, professora de Ortofonía na Faculdade de Medicina Pitié-Salpêtrière em Paris e Ortofonista no Hospital de St. Vincent de Paul, na mesma cidade. Mais recentemente, em 2006, criou o Programa de Estudos Universitários para Seniores (PEUS).

Sendo autora de diversos livros, capítulos e artigos científicos, a Professora Maria da Graça Pinto conta com uma contribuição científica inestimável no campo da Psicolinguística. Como tal, a revista *eling*^{UP} não poderia deixar de desejar entrevistar a Senhora Professora.

Tendo em conta o estado de pandemia mundial causado pelo novo coronavírus, a entrevista que se segue não pôde seguir o modelo presencial. Assim, contactámos a Professora Maria da Graça Pinto, e que prontamente se disponibilizou a responder às nossas perguntas. Assim, o guião desta entrevista foi redigido pelas estudantes Beatriz Martins, Mariana Silva, Rita Cunha, Renata Rodrigues e Violeta Magalhães e enviado por e-mail à Professora no dia 10 de junho de 2020. No dia 22 de julho de 2020, o mesmo guião foi enviado de volta pela Professora com as suas respostas.

A presente entrevista enfatiza os aspetos mais relevantes e reconhecidos da carreira da Professora, proporciona a discussão de temas relevantes e o recontar de histórias vividas. O resultado apresenta-se, assim, como uma conversa “à distância” que, certamente, interessará, não só aos estudantes de Linguística, como também ao público em geral. Desta forma, esperamos que esta entrevista sirva de motivo de comemoração de um longo percurso académico e de uma vida plena de conquistas.

Gostaríamos de reiterar o nosso agradecimento à Senhora Professora Maria da Graça Pinto pela disponibilidade e generosidade na concessão desta entrevista. Além disso, todos os atuais membros da equipa da revista *eling^{UP}* deixam também expresso o seu agradecimento pelas oportunidades de imensa aprendizagem proporcionadas pelo contacto com a Senhora Professora.

Gostaríamos de iniciar esta entrevista recuando aos primeiros tempos da Senhora Professora enquanto estudante para saber como é que aconteceu a descoberta da Psicolinguística. Poderia contar-nos como se processou a tomada de conhecimento e entrada na Psicolinguística e o que é que a motivou a escolher este caminho?

Depois de ter enveredado por áreas que pouco me disseram e de ter estado um ano fora de Portugal, senti que tinha de procurar um curso que me oferecesse uma boa dose de Linguística porque queria estudar a aquisição da linguagem. A Linguística não seria mais do que um dos pilares para prosseguir esse intento, mas as longas “férias grandes” que os estudantes universitários gozavam à data tinham também a vantagem de criar condições a quem a isso se devotasse para alargar os horizontes do saber e, nas circunstâncias, estabelecer contactos e fazer pesquisas que contribuíssem para erigir o outro pilar, bem como o arco dessa “ponte” em construção: a aquisição da linguagem. O interesse pela aquisição da linguagem tem de ser visto, neste momento, como sinónimo de interesse pela Psicolinguística, uma vez que o estudo da aquisição da linguagem constitui uma das várias possibilidades de estudar a linguagem na perspetiva dessa disciplina/ciência.

Após a licenciatura, que tinha então a duração de cinco anos, o rumo foi obviamente direcionado de modo mais incisivo para matérias que complementassem os conhecimentos obtidos em Linguística, quer na direção da Psicolinguística, quer da Neurolinguística.

Em 1984, a Senhora Professora doutorou-se em Psicolinguística Genética sob a orientação da Professora Hermina Sinclair com uma tese intitulada Abordagem a alguns aspetos da compreensão verbal na criança. Estudo psicolinguístico genético do Token Test e de materiais de metodologia complementar. A enorme importância desse trabalho levou a que, dois anos mais tarde, em 1986, a Senhora Professora recebesse o Prémio Gulbenkian da Ciência. Nesse sentido, gostaríamos de saber quais os aspetos que dessa tese considera hoje os mais relevantes. Não nos referimos apenas aos resultados, mas aos possíveis ensinamentos que se poderão retirar ainda hoje desse trabalho em termos metodológicos e de enquadramento teórico.

Ignoro que ensinamentos se podem retirar do trabalho supracitado. Essa resposta cabe ao leitor. A partir do momento em que se publica qualquer estudo, ele segue o seu caminho e o autor acaba por lhe perder por completo o controle e o rasto. É esse o desenrolar normal de qualquer estudo. Por vezes, o autor verifica que dele estão a ser extraídas ilações que nunca estiveram previstas nos objetivos que traçou no intento de o concretizar. Também me posso interrogar se a minha tese teve assim tantos leitores. Terá tido? Não sei. Ainda há pouco tempo, quase quarenta anos após a sua escrita e defesa, alguém a queria ler porque não a conhecia e gostava de saber onde a poderia adquirir.

Posso ainda acrescentar, no plano dos ensinamentos, que a tese foi defendida em 1984, mas já estava pronta em 1982. O que nela se encontra plasmado era válido então como o será hoje. Ressaltam da sua leitura tanto o papel do desenvolvimento cognitivo da criança quando está em causa a compreensão de materiais verbais menos ou mais complexos – estes últimos de ocorrência tão frequente também em Matemática, disciplina sempre tão problemática no percurso académico dos alunos –, como a função da envolvente social da criança. O enquadramento teórico foi considerado exemplar pela Professora Hermina Sinclair. Na verdade, a tese não só espelhava um bom domínio dos escritos de Piaget e dos seus colaboradores mais direcionados para a temática em debate, mas também uma revisão muito atualizada da investigação até então realizada a respeito dos vários assuntos focados. Importa sublinhar que a recolha bibliográfica operada só se tornou possível graças a uma estada nos Estados Unidos, mais precisamente na Universidade de Indiana, Bloomington, na sequência de uma *Research Associate Position* obtida a convite do Professor Thomas Sebeok, Diretor do *Research Center for Language and Semiotic Studies of the Indiana University*, Bloomington. Sem essa permanência em Bloomington, teria sido inviável efetuar o vasto levantamento bibliográfico que serviu em grande medida para a sustentação teórica da tese. Basta lembrar que, no início dos anos oitenta do século passado, não havia internet e conseqüentemente não existia a oferta de publicações *online* que hoje se encontra ao dispor de qualquer estudante. Do ponto de vista metodológico, a população fala por si, assim como os materiais usados e os procedimentos seguidos. Trabalhar sob a supervisão da Professora Hermina Sinclair foi um desmesurado privilégio. A Mimi, como os mais próximos lhe

chamavam, era uma grande cientista e um ser de uma humanidade ímpar. Foi bom ter tido a sorte de a ter encontrado e com ela trabalhado. Já a análise dos dados recolhidos espelhou bem a inexperiência que então vigorava, em especial entre nós, no que respeita ao uso de testes estatísticos destinados às Ciências Humanas. O tratamento estatístico dos dados, todo efetuado “soit-disant” manualmente, foi uma verdadeira aventura. Cheguei a inserir dados num computador, gentilmente cedido pelo Professor Joaquim Maia, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, que ocupava metade de uma sala de dimensões razoáveis do Hospital de São João. Os dados eram inseridos e o computador devolvia-me em rolos de papel a análise básica que realizava. A partir daí, tinha de fazer contas e mais contas e consultar as devidas tabelas para verificar se as diferenças eram ou não significativas. Desconheço se ainda existe o dito computador em algum espaço museológico ou se foi destruído. Quanto aos gráficos, foram todos feitos primeiro por mim e depois aprimorados por um desenhador. Como se pode inferir de tudo isto, tratou-se de um labor com um cariz hoje tido como mais do que anacrónico. O empenho prazeroso que se imprimia ao que se realizava, por muito árduo e moroso que fosse o trabalho, não se compagina, temos de admitir, nem com a celeridade, nem com as lentes a que os tempos atuais nos acostumaram.

A Psicolinguística, como a Linguística em geral, sofreu no século XX grandes revoluções. Há grandes nomes como Lev Vygotsky, George A. Miller, Eric Lenneberg, Jean Piaget, Noam Chomsky, Steven Pinker, entre outros. Aqueles que nomeámos têm ou tiveram, muitas vezes, posições diferentes em relação à mesma disciplina, o que é comum acontecer em qualquer área de investigação. Quais os autores que, através da leitura ou mesmo pessoalmente, mais influenciaram o trabalho da Senhora Professora e a levaram, eventualmente, à mudança de uma perspetiva?

Eu diria que a Psicolinguística surgiu de papel passado em 1954, nos Estados Unidos, precisamente no dealbar da segunda metade do século XX. A sua génese está consubstanciada documentalmente numa obra editada por Sebeok e Osgood, nessa data. Não quer isto dizer que, apesar da sua juventude relativamente à Linguística em geral, não tenha sofrido “revoluções”, se esse termo corresponder às diferentes gerações por que passou, sob o efeito de distintas correntes teóricas e também de uma personalidade que marcou a Psicolinguística de modo indelével: Bever. Acresce que o facto de a Psicolinguística ter surgido oficialmente em meados do século XX não obsta a que se possam fazer remontar as suas origens aos anos oitenta do século XIX. Esta nota é de suma importância porque não é raro ouvirmos os estudantes dizer e até escrever que a Psicolinguística surgiu com Chomsky. A cronologia dos factos nem sempre se encontra muito arrumada nas cabeças, mas essa arrumação tem mesmo de ser feita e cabe muito aos docentes essa tarefa.

Indo mais diretamente à pergunta, considero que as personalidades mencionadas não me levaram a fazer qualquer agulha no meu percurso, embora seja sempre digno de louvor rever posições. Serviram-me antes esses autores para olhar mais criticamente para o meu objeto de estudo e conjugar olhares sempre que surgiu, surgia e surge oportunidade para tal. É essa, além do mais, a minha postura como investigadora e também como docente. Os que foram meus alunos sabem bem disso. É evidente que as minhas raízes estão na Escola de Genebra, a Escola de Piaget. Não o denego e adianto que até hoje ainda não me dei mal com a rota que segui. Gostaria inclusive de ter a capacidade de ser capaz de ler o autor em questão com mais conhecimento. Piaget é de leitura muito difícil, mesmo para quem lidou com ele de perto. Se fosse, verdade seja dita, de fácil leitura, ele não se teria sentido compelido, se for esta a palavra mais rigorosa, a comentar as observações críticas que lhe foram feitas por Vygotsky.

Atendendo a que o centro das atenções neste espaço é sobretudo a Psicolinguística, é premente que não se veja a designação *Psicolinguística* como um rótulo que sirva para cunhar a aplicação e avaliação no terreno de teorias linguísticas. A essa abordagem terá de se chamar Linguística em Aplicação. A Psicolinguística vai à raiz dos factos, procura explicações para o que se encontra envolvido no processamento da linguagem, em locutores reais e em situações concretas, como bem dizia Tatiana Slama-Cazacu, um grande vulto da Psicolinguística – nomeadamente da Psicolinguística Aplicada (qual tautologia!) – dos séculos XX e XXI. A Psicolinguística teria de ser vista em certos enquadramentos, seguindo esta autora – que nunca se eximiu de aludir ao contexto –, como uma Sociopsicolinguística. Talvez por ser romena, é natural que não tenha sido totalmente impermeável à perspetiva socializante da Escola Soviética. Exteriorizaria, na ocorrência, que não se me afigura um bom exemplo que haja especialistas a trabalharem em desenvolvimento/aquisição da linguagem e que apouquem a complexidade desse processo ao fincarem-se numa perspetiva meramente monodisciplinar. É imperativo que não se embarque em tendências que convidem a que se escreva sobre isto ou sobre aquilo ou a que se enverede por vias mais bem-sonantes, mediante rótulos que à primeira vista granjeiam maior recetividade – infelizmente por outros tantos que pouco sabem da aludida complexidade –, quando não se detém nem a formação para tal, nem a honestidade científica que imediatamente faria sentir a necessidade de recorrer à colaboração de especialistas com essas formações. Cenários deste teor levarão quantas vezes ao rechaçar e porventura ao desemprego de massa cinzenta qualificada.

Deixo aqui uma nota que pode fazer transparecer melhor a minha forma de estar na Ciência. Tal como no dia-a-dia tem de haver gente para tudo, também a investigação tem de espelhar essa diversidade de tendências, porquanto é operada por pessoas. A abordagem monodisciplinar de qualquer objeto de estudo deve estar no mesmo patamar de respeito da de cariz pluridisciplinar. Quando o objeto de estudo é a linguagem, essa faculdade tão singular na sua pluralidade, ainda se sente com mais premência a igualdade de estatutos das opções dos diversos estudiosos, que mais não são do que o retrato da

variedade de perfis existentes na Humanidade. Somente da congregação e não da segregação dessas propensões se constrói o edifício que albergará o Homem de Ciência, na vivência harmoniosa que, estou em crer, todos buscamos.

Aquando da tese de doutoramento da Senhora Professora, que já referimos, a Senhora Professora publicou também um trabalho complementar que constituiu uma importante contribuição neurolinguística para a compreensão da síndrome de dislexia profunda. Essa publicação é um exemplo da interseção que a Senhora Professora sempre procurou fazer, ao longo da sua carreira, com outras áreas, nomeadamente com a Neurologia. Considera que, para trabalhar em Psicolinguística, é fundamental o estabelecimento de pontes com as Neurociências? E relativamente a outras áreas, como a Psiquiatria, a Psicologia, ou, noutro campo, a Didática e o Ensino, que vantagens poderão surgir para a Psicolinguística de um relacionamento com estas áreas?

Eu diria que o ponto de partida é a Psicolinguística, numa forte ligação com a Neurologia. Todas as disciplinas elencadas lucram com a presença de um estudioso que tenha uma formação neuropsicolinguística. Na verdade, um detentor dessa formação pode posicionar-se face à linguagem com umas lentes que o levem a observar o objeto não isoladamente, mas sim inserido no enquadramento que lhe dá existência. Explica esta visão a identificação da Psicolinguística como uma área que traz vantagens às outras áreas e não como uma disciplina que só tirará benefícios do relacionamento com outras áreas. Repare-se na ordem que foi atribuída às disciplinas no termo usado. Qual Matrioska! Qual conjunto de bonecas/disciplinas todas encaixadas umas nas outras! Dou-me conta que nem todos os especialistas lidam bem com estas ligações/estes encaixes disciplinares, sempre cheios de um potencial imprevisível por força das confluências que criam. É pena que assim seja porque quem perde é a Ciência, com maiúscula.

No que concerne às Neurociências, teremos de usar de prudência quando a elas nos referimos, atendendo à sua abrangência e às ligações disciplinares que lhes conferem a forma que as caracteriza. Como estão muito em voga, compreende-se o desejo de a elas se fazer, a todo o custo, alusão. Falando de modas, torna-se prudente que não se pense que delas nos podemos valer com a facilidade com que se usa uma mera peça de roupa. Significa isto que muito tem de ser investido para que o sucesso na apropriação das Neurociências seja garantido.

No foro da Psiquiatria, vasta também na amplitude que a configura, a Psicolinguística só faz sentido se estivermos face a quadros clínicos mais diretamente associados à linguagem. Duvido, porém, que não se tenha de fazer apelo a uma fundamentação também de ordem neurológica.

Em resumo: só mesmo um conhecimento profundo das várias áreas do saber permite incursões que possam contribuir seriamente para os avanços científicos, no sentido de um conhecimento mais cabal do *homo loquens*.

Quanto ao estabelecimento de pontes entre áreas do conhecimento, diria que a sua implementação se reveste sem dúvida do maior relevo. Porém, essa operação tem de ser levada a cabo obrigatoriamente por (grupos de) estudiosos com a formação ou formações ajustada(s) ao objetivo.

Em virtude da situação crítica que vivemos, ocorre-me um pensamento que gostaria de partilhar. Uma visão de um objeto de estudo sustentada por várias áreas do saber incorpora bem duas palavras-chave de elevada frequência na presente pandemia que surpreendeu todo o planeta: desconfinamento e distanciamento. O desconfinamento, no contexto desta entrevista, corresponderá à importância que também se deve conceder ao rompimento com abordagens que sejam unicamente monodisciplinares. Ora essa operação de rutura só pode ser uma realidade quando se ganha distanciamento do objeto de estudo, mediante uma formação que transcenda isolamentos disciplinares. E assim se traça o caminho que conduz à conjugação de áreas; no fundo, é dessa maneira que se cava o sulco que nos transporta a um futuro desconfinado também em Ciência.

Talvez esteja a fazer falta um outro termo muito ventilado nestes últimos tempos: a reinvenção. Se temos de nos reinventar, não duvido que o distanciamento e o desconfinamento nas aceções acima adotadas sejam ingredientes indispensáveis a esse exercício tão exigente de flexibilidade mental.

Considera que, apesar das vantagens, a necessidade de colaboração com outras áreas pode encontrar obstáculos? Em caso de resposta afirmativa, que obstáculos são esses e como podem ser ultrapassados?

Considero que todas as colaborações entre áreas quando bem desenhadas e intencionadas são vantajosas. Não duvido, todavia, que essas colaborações encontrem dificuldades quando é chegado o momento de se concretizarem.

Num primeiro momento, é preciso saber escolher o local de trabalho, conhecer bem a constituição da equipa e o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, ter bem presente o que se pretende fazer e ter a capacidade de sentir que a nossa presença é ou não bem-vinda. De um modo geral, as equipas e os locais de trabalho mais prestigiados são aqueles em que a abertura é maior. Não tenho resposta à segunda parte da pergunta, mas sei que deve andar associada quer ao ser humano, com todas as suas qualidades e defeitos, quer ao grau de maturidade científica dos hábitos de trabalho conjunto.

Entre 1977 e 1995 a Senhora Professora colaborou no Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de São João, no Porto. Poderia falar-nos um pouco dessa experiência? Em que consistia o trabalho da Senhora Professora?

Aqui está uma colaboração entre áreas que correu muito bem. Fui muito bem acolhida pelo Diretor do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do

Hospital de São João/ Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Estava apenas a terminar a minha licenciatura. Sabia, porém, o que queria e também entendi de imediato que estava num círculo de pessoas científicas de bem. Fiquei com o Laboratório de Estudos da Linguagem por minha conta e estudei doentes que apresentavam problemas de linguagem durante quase vinte anos. Granjeei uma experiência clínica invejável. O médico que até aí estudava os doentes familiarizou-me com o modo como os devia avaliar e, a partir daí, a relação de trabalho foi sempre excelente. Os casos mais problemáticos eram discutidos em conjunto e, sempre que as perturbações encontradas o pediam, era preparado material específico que nos permitisse uma análise tão profunda quanto possível desses quadros clínicos. Nos pacientes que iam ser sujeitos a cirurgias, o estudo tornava-se longitudinal. Observava-se como estavam antes da cirurgia do ponto de vista neuropsicolinguístico e avaliavam-se de novo depois da intervenção. Alguns dos pacientes podiam ser acompanhados durante mais tempo, sempre com vista à sua reabilitação por terapeutas. Este género de estudo efetuado antes da cirurgia revestia-se e reveste-se de toda a relevância porque é sempre necessário poupar as áreas cerebrais associadas às funções simbólicas superiores aquando da intervenção, sob pena de o doente poder vir a ficar com qualquer uma dessas funções afetada, resultado indesejado por qualquer neurocirurgião.

Uma qualidade que é necessário ter sempre presente nestas circunstâncias é a discrição, acompanhada de alguma humildade, sem correr naturalmente o risco de se ser tomado por um “selvagem”, se me permitirem que use um termo tão cunhado de brutalidade. É que essa discrição/humildade nem sempre é bem interpretada e pode ser uma porta para atitudes no mínimo estranhas. Quem é dotado intelectualmente interpreta-a, todavia, de imediato como uma qualidade. Foi o que se passou comigo. Sei que essa minha maneira de estar na vida não é a que atrai mais clientela e a que se ajusta melhor ao mercado. Certo é que contributos como os que eu tenho dado, só visíveis pelas mentes abertas e atentas, são pedras indispensáveis à construção do todo. Reitero que todos os perfis são necessários, numa sociedade ou numa instituição, incluindo os que concorrem no silêncio da sua atuação, sem alaridos, para o enriquecimento global. São ministérios de “*menues affaires*”, mas o todo também é constituído por partes, de diferentes dimensões. Nada pode ser desperdiçado e menosprezado.

Ficou por tornar clara a formação do foro neurológico que fui adquirindo e que leva a que não se pense que me fiquei pelas idas sem mais ao Laboratório de Estudos da Linguagem do Hospital de São João/ Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Não só assisti às aulas de Neurologia do curso de Medicina da FMUP, mas também participei em seminários e cursos relacionados com a área em causa, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Conheci assim pessoalmente estudiosos de que lia com um desmedido interesse os respetivos escritos/estudos. Entre muitos outros, frequentei, alguns deles “for credit”, cursos/seminários sobre perturbações da linguagem na criança, perturbações da linguagem no adulto, Neuropsicologia, bases neurológicas da linguagem, Neurolinguística e Afasiologia.

Em Portugal, não parece ser frequente a existência de laboratórios destinados ao trabalho em Psicolinguística nas universidades, nem departamentos destinados à investigação em Neurolinguística em hospitais. A Senhora Professora considera que isso poderá constituir um entrave ao desenvolvimento da investigação nestas áreas em Portugal?

Não direi que não existem. Causa-me, no entanto, estranheza a possível existência de departamentos destinados à investigação em Neurolinguística em hospitais, atendendo ao que se entende por departamento no plano das áreas disciplinares.

Quanto à existência de possíveis entraves, sei, por exemplo, que comigo funcionou bem na FMUP. Não sei se continuam a ter um colaborador como eu no Laboratório. Nem sei se ele ainda existe. Posso dizer que, em Lisboa, o cenário era totalmente diferente. Não desenvolvo, por diversas razões, o que possa querer dizer “totalmente diferente”. A leitura é minha. Sinto, com efeito, que há cerca de 40 anos parecia haver, entre nós, uma maior abertura a áreas de interface, designação usada hoje em dia em alguns meios académicos.

A interdisciplinaridade que hoje é tão propalada, dando origem inclusive a doutoramentos com especialistas das várias faculdades da mesma universidade ou com a participação de mais do que uma universidade, espelha mais, a meus olhos, a coabitação de áreas com vista a fins comuns do que a sua interdependência. Não sei se é verdade o que sinto. Seria bom que não fosse.

É mais do que incontestável que, para que haja laboratórios ou qualquer outra unidade que se preste a fins similares, é preciso massa crítica, espíritos muito abertos e pessoas muito bem formadas do ponto de vista humano. Quando existe esse leque de variáveis, perfeito. Quando não existe, já não é perfeito, será mais que imperfeito.

Na atualidade, nada se faz sem financiamento. Os projetos vivem disso e os docentes/investigadores são inclusivamente também avaliados em função do nível de competição a que se sujeitou a candidatura dos projetos a que estão adstritos. Na circunstância, é bem possível que se vão buscar áreas mais chamativas e não por acaso também colaboradores mais consonantes para estabelecer as ditas colaborações, por razões que muito terão também a ver com a obtenção de verbas, podendo ser ignorados outros estudiosos que até podem pertencer a áreas tão dignas quanto essas e ter igualmente bons currículos, mas que podem carecer de “talentos” que sirvam para o efeito. Estou a pensar mais concretamente, entre nós, nos estudos gerontológicos e similares, quer no que concerne a projetos, quer no que se reporta à constituição do plano de estudos de cursos de doutoramento nessa área, também ela plural. Os mentores dessas iniciativas nunca se lembram, ou não se querem lembrar, do ramo relacionado com os programas educacionais. No entanto, está mais do que provado que é um ramo em que se deve investir porque favorece um envelhecimento mais ativo e saudável. E assim se salta por cima da Gerontagogia. Só posso lamentar que haja esse fechamento nesses académicos. Ainda não atingiram o nível de desconfinamento esperado, retomando uma das palavras-chave no contexto da doença COVID-19 de que já me vali noutra momento desta entrevista.

De regresso aos financiamentos, cumpre-me acrescentar que nunca fui remunerada durante os anos em que colaborei no Laboratório de Estudos da Linguagem, do Hospital de São João. Fi-lo com muito gosto e proveito sem necessitar desse retorno. Na realidade, ganhei muito porque aprendi muito. Um ganho distinto daquele de que os investigadores atuais raramente prescindem. Sinto-me, contudo, na obrigação de adicionar ao até aqui partilhado que estava simplesmente a exercer uma colaboração extra na instituição que já me assegurava mensalmente o meu sustento. Reconheço que poucos pensam assim. Eu penso. Recordo-me de uma vez um vice-reitor (ou será que seria somente um dos membros da equipa reitoral de então?) se ter rido baixinho com a forma como eu ia progredindo na minha carreira a minhas expensas. De facto, investi muito na minha formação e não me arrependo. De outra forma, nunca teria conseguido o que tenho. As bolsas nacionais não eram talhadas para pessoas comuns, discretas, como eu.

É importante ter sempre presente que as instituições e também os laboratórios, bem como os Institutos, os Conselhos, as Direções, os Centros de Investigação, as Organizações, as Fundações, e assim sucessivamente, não são entidades abstratas nem constructos teóricos. São as equipas que os integram, constituídas por pessoas, com todas as características que lhes conhecemos. Esta leitura acerca das instituições foi, de resto, também salientada pelo Professor Diogo Freitas do Amaral acerca da ONU. Isto posto, nada de novo sobre a Terra e é dessa forma que devemos ver esses rótulos.

Face a possíveis entraves, a resposta é só uma: confrontá-los por meio de trabalho sério, mesmo que este represente muita luta e muita coragem. Se o trabalho for de qualidade, mais cedo ou mais tarde conhecerá o seu mérito. Acreditemos que existirá sempre alguém, onde menos se espera, que o descobrirá e o assinalará.

Em Psicolinguística, é frequente recorrer-se a participantes crianças para os mais diversos experimentos e a Senhora Professora tem uma vasta experiência nesse domínio. O que nos pode dizer sobre o trabalho com crianças e em que medida é que ele difere do que se passa em experimentos com participantes adultos?

A minha experiência em clínica e a colaboração de duas décadas com a grande ortofonista francesa, Andrée Girolami-Boulinier, que possuía uma capacidade de aproximação à criança excecional, permitiram-me que viesse a saber gerar um contacto facilitado com participantes de todas as idades, incluindo, nessa variação etária, os idosos. Talvez deva comunicar que aprendi também a técnica da aproximação aos sujeitos tanto em Genebra como em Bloomington, em sessões de seminários que a isso se prestavam.

Não gostava de dizer que é precisa uma determinada sensibilidade para trabalhar com crianças, mas também mentiria se afirmasse o contrário. Passa-se igualmente o mesmo com populações de outras idades.

O segredo do sucesso numa recolha de dados, independentemente do procedimento a seguir por força dos instrumentos em uso, reside em tratar os participantes com respeito. Toda a gente gosta de se sentir respeitada. Se tal acontecer, temos os participantes na mão. Quando estamos com eles, temos de estar só focados neles. Eles têm de sentir que são dignos da nossa atenção. Pequenos gestos menos cuidados (atender o telemóvel, pegar nisto ou naquilo que esteja por perto, trabalhar em paralelo) podem ser o suficiente para que a atmosfera de trabalho descambe e impeça a prossecução dos levantamentos que se pretendem. Aliás, o experimentador não pode limitar-se a esperar pelos dados de que necessita para fazer o seu estudo. Necessita de ir observando o que se passa durante o levantamento à medida que vai seguindo o protocolo. A observação é um ingrediente indispensável num cenário de recolha de materiais. Quem está noutra, passo o coloquialismo, enquanto os participantes no estudo trabalham, não pode estar a observar ao mesmo tempo.

Também se aprende que não vale a pena insistir quando os sujeitos não querem colaborar. As crianças dizem claramente que não querem e tudo se torna mais fácil. Nos adultos, neles incluídos os mais velhos, essa rejeição encontra-se mais latente e o experimentador tem de a sentir ou pressentir e saber encontrar uma saída airosa, tanto para o sujeito como para si próprio. No caso da reeducação/reabilitação, a abertura à colaboração ainda se torna mais necessária.

Uma advertência. O respeito apontado deve ser recíproco, também tem de ser sentido pelo experimentador. Se tal não se passar, torna-se mais que evidente que o trabalho não pode prosseguir.

Em termos práticos, o modo de conduzir um experimento mudou muitos nos últimos anos. A aplicação do Regulamento Geral de Proteção de Dados alterou a forma de proceder com os participantes e instituiu uma série de novos requisitos necessários a uma investigação. Que implicações, positivas e/ou negativas, a Senhora Professora vê nestas alterações? Tornou-se mais difícil 'experimental' em Psicolinguística?

O semi-recente Regulamento Geral de Proteção de Dados começou a dificultar mais a ida para o terreno em qualquer domínio, exceção feita às áreas protegidas institucionalmente. Não reprovoo a ideia, mas se a Ciência precisa de ver comprovado o que se pesquisa parece verificar-se uma contradição. Sabemos bem dos problemas que tantas vezes existem quando está em causa a avaliação para a posterior comercialização de um fármaco ou de uma prótese. Como comercializá-los se é preciso testá-los previamente e como testá-los quando a legislação dificulta essa operação?

Resta esperar que as instituições que também vivem dos levantamentos que precisam de ser feitos nas suas áreas de interesse façam também a sua parte e não deixem tudo a cargo dos investigadores que lhes pertencem. Se tal não acontecer, os investigadores veem-se obrigados a consumir grande

parte do seu tempo com essas burocracias. Ademais, sabe-se que o *timing* para a realização de um trabalho científico, estou a pensar, por exemplo, numa tese de doutoramento, não se compadece com a perda de tempo com essas diligências administrativas.

Entre 1993 e 2000, a Senhora Professora integrou três delegações na área da Educação, na Rússia, na Alemanha e em Cuba. Que impacto tiveram estas experiências no trabalho de investigação que veio a desenvolver depois e no modo de encarar a própria tarefa da educação, enquanto professora?

Essas deslocações organizadas pelo *People to People Ambassador Program* foram o exemplo da forma como se devia conhecer o nosso planeta. Viajar por viajar, ir a congressos por ir a congressos, dar uma aula por dar uma aula ou proferir uma palestra por proferir uma palestra, aqui, ali ou além, não faz o meu estilo. Em tudo na vida sou “gourmet”, não sou “gourmande”. Já o dizia uma amiga minha francesa. Gosto de saborear o que faço, não gosto de devorar. E essa atitude condiz bem com a definição de Psicolinguística. Importa ir à raiz dos factos. É indubitável que leva o seu tempo, mas também impede a dispersão na horizontal na ânsia de abarcar muitos factos. Sei, contudo, que é o que está na moda e o que assegura mais umas páginas de *curriculum*. O “como” interessará menos. Importará mais o “o quê”. Só me interrogo como podem fazer investigação esses académicos que passam o tempo a viajar. Têm provavelmente quem investigue por eles. São uns sortudos. Acontece que o que os outros investigam não pode ser idêntico àquilo que é investigado pelo próprio.

O Programa em causa descobriu-me e lá integrei as três delegações. Tenho na ideia que sempre fui a única estrangeira. Os restantes elementos eram americanos. Todas as delegações tinham em vista a educação (“education”) e foi assim possível visitar escolas dos diversos graus de ensino e presenciar os métodos usados em sala de aula. Também fomos recebidos em faculdades e em universidades. Na viagem a Cuba, visitámos igualmente um hospital. Ainda tenho bem presente o cheiro a creolina que recendia de todos os lados. Não se podia dizer que a desinfeção do local era descurada.

Fui à Rússia e à República Checa em 1993. Na Rússia, fomos a escolas e universidades em Moscovo e em São Petersburgo. Na República Checa, fomos a Praga, à Universidade que me levou em pensamento até ao Círculo Linguístico de Praga. A escolha destas cidades foi perfeita. Quando chegámos a Praga vindos de São Petersburgo, todos sentimos, sem que tivéssemos combinado nada de antemão, que tínhamos viajado 100 anos no tempo. A visita à Rússia foi para mim muito intensa a todos os níveis. Teve tanto de enriquecedora no plano cultural e profissional como de matéria para reflexão. Muito do que vi me deprimiu e me fez criar um respeito especial pelo povo russo, um povo que senti ser e sempre ter sido muito forte na adversidade. De regresso a casa, dei comigo a dizer que não voltaria à Rússia e que até para o sítio onde se nascia era preciso ter sorte. Finalmente, quebrei o juramento e vinte anos depois ia de novo a Moscovo, a convite da organização local do *Congresso Internacional*

da ISAPL, sociedade de que sou atualmente membro honorário. Esta viagem não teve nada a ver com a primeira. Revi Moscovo como turista e senti que se estava a transformar numa cidade com todas as marcas da ocidentalização. Nesta segunda passagem por Moscovo, pude, contudo, viver um momento único. Um dos professores da universidade que acolheram o congresso trouxe um valor superacrescentado a um lanche que foi oferecido aos membros do comité científico da sociedade no último dia do evento ao tocar e cantar canções populares russas. Com efeito, ao mesmo tempo que nos brindava com essa sessão musical, ia comentando e, dessa forma, relatando aspetos da História do povo russo. Não pude deixar de me comover ao sentir nas canções que ia ouvindo o que eu tinha captado do povo russo vinte anos antes. Tentei traduzir-lhes em palavras o que ia no meu pensamento emocionado e vi-lhes nos olhos agradecidos uma humidade de lágrima censurada.

Em 1994, cinco anos depois da queda do muro, fui a Berlim integrada numa outra delegação de educação organizada pelo mesmo Programa. Berlim já era uma cidade minha conhecida, na medida em que lá tinha estado em 1987. Nessa altura, era, contudo, uma cidade fraturada, tanto geograficamente como do ponto de vista psicológico e afetivo. No momento da escolha de idas a escolas, ofereci-me imediatamente para visitar uma que estivesse situada na parte da cidade que cinco anos antes pertencera a Berlim oriental. Não podia ter escolhido melhor. Ainda pude presenciar uma professora de ensino médio a dar uma aula de línguas com um cronómetro. Na Rússia, no ano precedente, numa escola de crianças, tinha visto uma bola a servir as funções do cronómetro.

Em 2000, fui com outra delegação de educação a Cuba. O ano era importante para os americanos porque só então passou a ser possível visitarem Cuba livremente. Havia, contudo, ainda um senão. Não podiam viajar diretamente dos Estados Unidos para Havana. Tinham de ir via Nassau, nas Bahamas. Encontrei-me com a delegação em Nassau e no dia seguinte seguimos rumo a Havana num avião russo que já estava há muito a pedir descanso, mas que continuava a fazer teimosamente aquela ponte aérea até quando o patrão lhe deferisse o pedido de reforma. Foi uma viagem de estudo, mas também de surpresas estranhas. Aterrei no aeroporto de Nassau e, obedecendo às instruções fornecidas, segui num táxi para o hotel onde se encontrava a delegação. Tudo isto se passou no mês de dezembro. Cheguei ao fim do dia a Nassau num voo que tinha saído já de noite de Miami e, depois de cumpridas as formalidades, apanhei um táxi/limousine descomunal, era o que havia, conduzido por um motorista de cor, autóctone das Bahamas. Confesso que nunca me tinha sentido tão ridícula e minúscula no interior de um carro e agradei o facto de ser de todos desconhecida. Estava uma temperatura própria das Caraíbas, mas estávamos nas vésperas do nosso Natal. Como se não bastasse o excêntrico da limousine, quando cheguei ao hotel deparei com uma árvore de Natal monumental e a música ambiente que se ouvia era nem mais nem menos o bem conhecido *Jingle Bells*. Como era possível tudo aquilo debaixo de uma temperatura tropical? Era possível e a viagem só estava no seu começo.

As escolas, infantários, creches e outras instituições associadas à saúde pública que tive a oportunidade de visitar em território cubano revelaram-se muito condicionadas pelo regime. Mostraram-nos provavelmente o melhor que tinham e mesmo assim sempre considerei que a sorte deles residia em não terem invernos frios. Foi uma experiência enriquecedora numa ótica que nada teve a ver com a que me guiou na ida à Rússia. É bom saber que a música lhes está no sangue e que isso os deve ajudar nos momentos mais difíceis. Trouxe de Cuba a imagem mental das palmeiras balanceadas pelo sopro, esperando não estar equivocada, dos ventos alísios, de que ouvi falar nas remotas aulas de Geografia.

Esqueci-me de dizer que o dito avião à espera de reforma largava das bagageiras umas ondas de vapor que eles diziam ser ar condicionado. Tudo muito estranho. Além disso, as costas das poltronas baixavam em direção ao assento, qual livro que se fecha. Não adiantava nada endireitar as costas quando estas não são fixas. Como apanhámos um forte temporal no regresso, pouco tempo após a saída de Havana, qualquer um pode imaginar os gritos dos passageiros na cabine ao mesmo tempo que os narizes batiam nos regaços e o sumo dos copos saltava até onde podia. O pobre do avião lá nos trouxe a todos nas condições possíveis até Nassau e cada um seguiu depois o seu caminho de regresso a casa.

Não tinham esse fim, mas serviram também estas delegações para aprofundar o meu conhecimento do que é ser americano.

Lembramo-nos também de que, numa das suas aulas, a Senhora Professora nos contou que passou algum tempo em Macau por motivos profissionais. Poderia contar-nos um pouco mais sobre esse momento e sobre o contexto linguístico que lá encontrou, nomeadamente no que diz respeito à interação português/cantonês?

A minha alusão em aula a Macau foi mais no âmbito do que os franceses e os ingleses designam por “anecdote” do que de outra ordem. As histórias de vida que relatei com origem nesse território tiveram apenas como finalidade cimentar os conhecimentos que estava a transmitir. Uma delas foi relatada quando aludi, a respeito do conceito de mente multicompetente, ao pouco que se sabe acerca da forma como as línguas que aprendemos podem emergir em certos contextos, à semelhança de uma mola que se solta, sem que se vislumbre uma explicação para isso. A outra “anecdote” serviu para ilustrar, fazendo apelo aos conceitos básicos e aos conceitos científicos – uma temática tão do meu interesse -, uma resposta muito polémica de um prestigiado linguista a uma questão que lhe foi colocada no fim da conferência plenária que tinha proferido num anfiteatro do então edifício da Universidade de Macau, de dimensões muito idênticas a muitas salas de espetáculos que comportam não só plateia, mas também balcões. Esse famoso especialista, esperemos que não por ignorância, socorre-se, para grande espanto de todos e não menor

indignação dos organizadores do evento, de um conceito básico e não de um conceito científico, como seria de esperar de um acadêmico, para responder a uma pergunta que lhe foi colocada acerca do ensino-aprendizagem do português, língua estrangeira, tendo em conta as suas variedades. Na verdade, essas histórias de vida tiveram a ver com a minha breve estada em Macau, mas as associações que fiz podiam ter sido feitas em qualquer outro ponto da Terra se as condições tivessem sido propícias. Fico-me, pois, por aqui em relação ao que partilhei em aula porque tudo tem o seu momento.

Vá onde for, eu quero aprender também para a vida. Assim, deixo muitas vezes as minhas lentes de especialista em casa ou na mala, porque quero estar atenta a outras realidades na minha qualidade de pessoa. Viajei até Macau porque foi o sítio escolhido para acolher o *III SIMELP*. Aproveitei a iniciativa, dado que estou muito ligada afetivamente a esse simpósio, porquanto também me interrogava acerca do que teria levado os nossos antepassados até essa região da China. Não é cidade/região que queira voltar a visitar. Acredito que tenham sido razões de ordem financeira que motivaram a emigração de muitos portugueses, sobretudo qualificados, para essas paragens. O clima é tão pouco amigável, para usar de um eufemismo recheado de diplomacia, que os meus ossos começaram imediatamente a avisar a hospedeira. Para mais, foi um aviso que persistiu durante algum tempo e que me deixou um pouco inquieta.

Os choques térmicos impediram-me de assistir a muitas sessões do simpósio, mas ainda consegui, coberta de casacos, ver um documentário sobre o patuá macaense. Foi interessante, mas não foi nada que me tivesse deixado apaixonada pelo tema. Isto para tentar responder à parte final da pergunta que me formularam. Dito de outra maneira, fui a Macau disfarçada de um ser humano comum, que nunca deixa a curiosidade em casa.

Nesta oportunidade, posso dizer que vi uma coisa que me deixou deslumbrada, embora não seja, de modo algum, uma pessoa deslumbrada. Estavam a restaurar uma das casas coloniais e os andaimes eram em bambu. Fiquei embasbacada. Andaimes em bambu. Parei para ver melhor. Vim então a saber, porque não me calava com a descoberta, que os andaimes eram feitos com esse material por causa dos furacões, um fenómeno da Natureza não raro naquelas latitudes. Efetivamente as canas de bambu, ao acompanharem o movimento do vento, não quebram. Que delícia! Disso, sim, trouxe umas fotografias.

Outra curiosidade. A ida a Macau coincidiu com uma crise de ciática que me fez questionar como faria nos aeroportos de Barajas e de Pequim. Estes como outros aeroportos foram desenhados para aeronaves e não para seres humanos, e muito menos para passageiros com ciáticas. Não simpatizo nada com aquelas ligações entre terminais. Quando cheguei ao aeroporto Francisco Sá Carneiro, disseram-me que a minha mala não podia ser despachada diretamente para Macau. Tinha de levantar a mala em Pequim e voltar a fazer *check-in*, posto que estavam em causa companhias aéreas diferentes. Algum dia!? Pedi assistência na viagem e fui, na ida como na vinda, em cadeira de rodas. Foi uma experiência gostosa porque fizeram tudo por mim. Para lá

estive cerca de trinta e seis horas sem dormir. Quando caí na cama, via tudo à volta com a falta de sono. Todavia, como não durmo nos aviões, pude seguir no ecrãzinho o trajeto do voo entre Madrid e Pequim. Até hoje, foi a viagem que melhor me mostrou como os voos seguem uma rota em consonância com uma geometria esférica. Gostei, mas não fiquei cliente.

Com base nas publicações mais recentes da Senhora Professora, verificamos que a escrita é um tema de análise recorrente e, na medida do possível, separável da leitura. Pelo contrário, no panorama geral psico e neurolinguístico encontramos tipicamente uma junção das atividades de leitura e escrita, sendo a primeira quase sempre mais analisada do que a segunda. Por isso, porque é que a Senhora Professora decidiu “remar contra a corrente” e focar-se na escrita? E que dificuldades é que um estudo da escrita encontra, em comparação com o que se passa na leitura?

Existe uma grande cumplicidade entre escrita e leitura, razão pela qual qualquer dissociação que se opere ganha contornos de uma artificialidade só aceitável no plano da investigação. A realidade é outra. Ambos os processos verbais correspondem às duas faces da mesma moeda. A imagem já está gasta, mas permanece pertinente.

A importância que passei a dar à escrita adveio do que investi no estudo sobre o envelhecimento, também com vista a preparar o Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto. Deparei então com um estudo interessantíssimo relacionado com a evolução da doença de Alzheimer num número considerável de freiras: o conhecido “Nun Study”. Verificaram os autores deste estudo que a qualidade de escrita das freiras, em matéria de densidade de ideias e de complexidade sintática/gramatical, à entrada na congregação, quando tinham cerca de vinte anos, apresentava uma correlação positiva com a qualidade das autobiografias escritas cerca de sessenta anos depois, quando tinham uma idade que se situava à volta dos 90 anos.

A constatação de que uma baixa densidade de ideias e uma baixa complexidade gramatical patentes nas autobiografias escritas em fases mais precoces da vida estava associada a resultados baixos em testes cognitivos mais tarde na vida fez-me pensar que, sabendo eu disso e lecionando estudantes em idades próximas da das freiras quando escreveram as suas primeiras autobiografias, se tornava um imperativo pôr os estudantes a escreverem e a refletirem sobre o seu processo de escrita, reformulando sempre que considerassem ser esse o melhor caminho para melhorarem a forma de traduzir as suas ideias. Interiorizei esta aproximação dos estudantes à escrita como uma missão. Entendia que se trabalhassem a sua escrita podiam estar a trabalhar para a sua qualidade de vida quando fossem longevos.

Uma escrita melhora com a prática, posto que se trata de uma arte que assenta numa observação cuidada da sua feitura, respaldada naturalmente numa leitura que permita detetar o que terá de vir a ser aprimorado. A ser

assim, aprender a escrever criticamente significa aprender a ler criticamente, numa conjugação dos processos descendente e ascendente nela investidos que vise tirar o maior benefício dessa interação.

Os procedimentos implementados para o estudo destes dois processos, desde que estejam bem desenhados e amadurecidos, poderão equivaler-se no plano do que exigem do investigador. Estejam os objetivos do estudo bem traçados e os passos bem delineados que os dados que vierem a ser obtidos conduzirão certamente a conclusões cheias de virtualidades. A escolha dos participantes também será importante porque nem todos têm o mesmo posicionamento face a tarefas que lhes requeiram doses não despidiendas de trabalho e algum esforço de autoconhecimento.

Nos últimos tempos, a escrita, nomeadamente a escrita académica tem sido objeto de estudo da Senhora Professora. Enquanto processo e produto psicolinguístico, o que é que a Senhora Professora nos poderá dizer acerca da escrita? E em que medida é que a escrita académica se distingue de outros tipos de escrita (produção literária, por exemplo)?

A escrita é porventura o processo verbal mais exigente no plano neuropsicolinguístico e, portanto, mais enriquecedor a todos os níveis. Transmitir aos estudantes que a escrita, enquanto processo recursivo, começa a apelar a essa recursividade antes mesmo da sua real concretização configura-se uma mensagem que eles necessitam de assimilar de uma forma muito categórica. A escrita faz apelo, tanto como a leitura, ao ato de criar, mas transcende-a ao ser, para além disso, um ato destinado a originar. E o originar insta a que quem escreve proceda a uma tarefa de “word finding” com exigências acrescentadas relativamente a uma tarefa de “word recall”, mesmo que esta última solicite a criação de algo parcialmente presente por via gráfica. A escrita, independentemente do tipo que vier a encarnar, é um exercício que requer, nesse ato de originar aduzido, uma força criativa. Não se coaduna a escrita/redação/composição com um hábito, uma mecânica. Essa fase constitui o arranque e não é dessa fase que o ser humano necessita para pôr à prova a sua capacidade de mexer com a linguagem e dotá-la de uma dinâmica que, quantas vezes, acaba por dirigir o seu agente para caminhos antes não imaginados. Enfim, temos na escrita a linguagem em toda a sua plenitude de potencialidades. Uma escrita clara é o retrato de uma mente bem organizada e de uma capacidade de manipular o material verbal com a perícia de um prestidigitador. Assentes em bases comuns, a escrita académica serve fins que não a literária, podendo naturalmente coexistir na mesma pessoa. Trata-se assim de registos distintos, sem que se pense que o facto de a académica se apoiar normalmente num “template” fica à partida impedida de dar oportunidade a quem escreve de fazer valer as suas capacidades de escrita. Diria que se verifica o contrário. O “template” pode colocar antes um desafio. Pode solicitar (ou será que é coagir?) a quem escreva que o respeite, não

deixando, porém, de nele deixar de forma continuada a sua impressão digital. Convirá ter em conta que a escrita académica prescinde de uma linguagem que seja de índole impressionista por todas as razões que bem sabemos. Que faz ela, afinal? Ela disciplina quem escreve. Não será essa uma exigência da escrita académica que favorece psicolinguisticamente quem escreve, contribuindo para nele se consubstanciar uma imagem mais completa do processo da escrita?

Sabemos que, desde 2006, tem trabalhado no sentido de integrar a população sénior na universidade, num projeto que coordena com muita dedicação. Poderia falar-nos um pouco sobre esse projeto e sobre os motivos que levaram à sua criação?

Em 2006, teve início a primeira edição do programa. Estava a prepará-lo há muito tempo, mas o definitivo arranque para sua concretização deu-se em 2004. O meu interesse pelos mais velhos, designadamente pela sua linguagem, remonta ao fim dos anos 80 do século passado. A Professora Andréa Girolami-Boulinier lançou em Paris grupos de linguagem para idosos que se encontravam em instituições e, com facilidade, agarrei o gosto pelo género de trabalho que esta Senhora sabiamente desenvolvia.

No que respeita a programas educativos, tenho de fazer remontar o meu interesse por essa área a 1999, quando fui a um congresso sobre Programas Universitários para Maiores (PUM), organizado pela Universidade de Granada. A partir daí, passei a ter um contacto mais próximo com os Professores André Lemieux, da Universidade do Quebeque em Montreal, e Mariano Sánchez Martínez, da Universidade de Granada, ambos palestrantes nesse congresso. Foi com muito agrado e proveito que, depois desse evento, li escritos dos dois sobre a Gerontagogia, uma abordagem educativa que, na sua abrangência disciplinar, vinha ao encontro de muito do que tinha assimilado ao longo do meu percurso enquanto académica.

A fim de criar o nosso programa, visitei universidades espanholas em que existiam PUMs e cheguei a ir ao Canadá, um país que possui uma longa tradição de programas para a terceira idade. A minha primeira ideia era a de criar uma pós-graduação em Gerontagogia. Seria uma boa forma de preparar os agentes educativos que colaboram nas Universidades de Terceira Idade. Essa ideia nunca foi, porém, concretizável. Uma andorinha sozinha não faz a primavera. Depois de variadas tentativas prévias abortadas, nasceu finalmente, pela minha mão, o PEUS na UP. Tratava-se do primeiro programa do género nas universidades portuguesas.

Em resposta a uma das perguntas formuladas, aludia o facto de as instituições serem as pessoas que as integram, sobretudo as equipas que as dirigem, uma vez que ninguém fala dos anónimos, esses colaboradores que todos os dias dão o seu melhor para que qualquer instituição se mantenha em funcionamento e, conseqüentemente, viva. Não admira, pois, que tenha

experienciado alguns momentos de sobressalto no decurso dos 14 anos de existência do programa. Vamos ver o que acontecerá depois da jubilação. Sempre registei negativamente que ao PEUS – um programa a que nunca quis chamar Universidade Sénior porque queria que nele fosse visto pelo público em geral uma oferta complementar e não concorrente à muita já existente fora dos muros da universidade – nunca tivesse sido consagrado, no mesmo grau de paridade, a atenção que a UP tem dado com tanto carinho à Universidade Júnior. Rejeito que a idade seja tratada desta forma, uma vez que a Missão de uma universidade tem de ser, por natureza, mais ampla.

Como sou uma mulher que lida com documentos, entendi que a origem do Programa merecia um registo escrito. Pois bem, desse empenho resultou o livro *Da aprendizagem ao longo da vida...*, que foi publicado em 2008 pela FLUP. Não podia ter tido melhor ideia. Outro documento que se revela um bom testemunho do que investi neste projeto é a publicação que marcou os 10 anos do PEUS, organizada por dois estudantes (das primeiras edições do PEUS) e por mim.

Tenho sentido por parte de vários alunos que frequentam o Programa um retorno muito positivo e só o facto de saber que tornei as existências desses seres humanos menos desinteressantes me deixa satisfeita e com a sensação de missão cumprida. Os testemunhos que recheiam o livro que assinala os 10 anos do PEUS falam por si no atinente ao que representa este programa para quem o frequentou ou frequenta. Esta foi e gostaria que continuasse a ser, se a FLUP assim o entender, uma das missões na UP, embora sinta que estou a ser utópica, relativamente ao futuro, se tiver em conta o balanço entre os ganhos e as perdas ao longo do meu percurso sempre discreto na instituição que me albergou. A escrita nos estudantes, pelos motivos apontados no devido momento, foi outra iniciativa que chamei a mim como missão.

Além de investigadora e psicolinguista, a Senhora Professora é também docente na Universidade do Porto. O que é que nos pode dizer dessa função? Isto é, o que é que retira de uma vida dedicada à partilha de conhecimento com os estudantes? Tem gostado de ser professora? E em relação aos estudantes, que ensinamentos espera ter passado?

No balanço que possa fazer, no presente momento, do que foi a minha passagem pela UP destacaria sem problema a docência. Ser professor é seguramente uma profissão muito nobre, quando encarnada com a seriedade que merece. A relação com os mais novos é muito enriquecedora e refrescante. À semelhança do que se passa na sociedade, a sala de aula também é povoada por uma grande diversidade de perfis. Deparam-se assim os professores com alunos menos interessados/vocacionados/assíduos, mas também com alunos muito empenhados, aqueles que, com as suas dúvidas e perguntas, animam as aulas e conseguem dessa maneira fazer com que o professor enverede por caminhos que contribuem para que esses instantes letivos sejam verdadeiras

aulas de nível universitário. Será, nessas ocasiões, que o professor melhor revela o seu percurso de investigador e pode dar uma outra luminosidade à matéria.

A relação professor-aluno tem de ser saudável para que a empatia se estabeleça. Com os estudantes, como se designam agora, aprendi um pouco de tudo. Uma aluna até já me quis adotar. Quis-me adotar como avó. Imaginem como me senti jovem nessa ocasião. Lembrei-me desta “anecdote”, mas outras também seriam dignas de relato pelo que contribuíram para o ambiente que se espera que exista em aula. As aulas são espaços de trabalho, mas podem sem qualquer prejuízo ser pontuados com um ou outro instante de relaxamento. Cabe ao professor saber gerir os dois andamentos. Como se pode verificar, até na sala de aula me foi prestimosa a experiência clínica angariada.

Em Portugal, os cursos de licenciatura e mestrado em Ciências da Linguagem têm tipicamente uma oferta curricular apenas voltada para a Psicolinguística e para questões de aquisição/aprendizagem de línguas. Não há muita incidência em áreas como a Neurolinguística ou a Psicologia Cognitiva. A Senhora Professora considera que a falta de formação nessas áreas pode inibir, ou dificultar, a decisão de um estudante de enveredar por um caminho de investigação na área da Psicolinguística? Como é que os cursos em Ciências da Linguagem poderiam integrar a formação nestas áreas?

A resposta a esta pergunta não é muito fácil. Se a oferta em Portugal, no domínio das Ciências da Linguagem, só contempla a Psicolinguística e questões de aquisição/aprendizagem de línguas, teremos de saber qual a abordagem que é adotada nessas ofertas. Na verdade, está tudo condicionado à massa crítica existente, à rota científica seguida por essa massa crítica e à impossibilidade de não conceder espaço a áreas que podem ser vistas de fora para dentro como inevitáveis. A leitura que faço do plano de estudos do curso de Ciências da Linguagem que melhor conheço conduz-me a pensar que existe um enfoque muito centrado na Linguística, “linguisticocêntrico” seria o termo se existisse. Diz-me a experiência que unidades curriculares que joguem com interfaces disciplinares serão sempre remetidas para o estatuto de afins, não gozando nunca do estatuto consagrado às UCs do foro exclusivo da Linguística. Não vejo, por isso, pelo menos para já, hipóteses de as unidades curriculares que constam nesta pergunta poderem vir a ser contempladas em planos de estudo com o histórico que conhecemos. É bem provável que algumas pinceladas relativas à Neurolinguística e à Psicologia Cognitiva possam ser fornecidas por docentes que tenham formação nessas áreas em unidades curriculares com programas que a isso se prestem, à semelhança do que eu já tenho vindo a fazer nas que lecionei. Um cenário que me assusta e que pode muito bem vir a existir consiste em ver certas unidades curriculares interdisciplinares serem lecionadas de modo aligeirado por docentes sem

uma formação verdadeiramente condizente com o que nelas se espera a nível universitário, sob pena de os estudantes verem goradas as suas expectativas quando as frequentarem. A este respeito, as instituições têm de usar de muita prudência e exigência se não quiserem que a sua imagem corra riscos.

Os estudantes que pretendam enveredar por áreas/cursos com pendor interdisciplinar em torno da linguagem poderão ter de chegar à conclusão que essa oferta provavelmente não existe nos planos de estudo que o nosso mercado disponibiliza, apesar de estarmos a entrar na terceira década do século XXI. Por muito estranha que possa ser a minha resposta, só posso sugerir que cada um complemente o seu saber não importa onde e de preferência junto de individualidades que possuam formações sólidas, jamais junto de “curiosos”. Em virtude da sua pertinência e atualidade no que concerne ao que acaba de ser exposto, regresso ao vocábulo desconfinamento, que tomei de empréstimo ao léxico da pandemia que nos tomou de assalto e que ainda aí está à espera de um medicamento ou de uma vacina para a combater e nos proteger, porquanto parece haver estudantes que se sentem atraídos por essa via no plano disciplinar.

A Senhora Professora dedicou a sua vida profissional à Universidade, à Ciência e à Psicolinguística. Ocupou-se rigorosamente e extensivamente da disciplina e do que a envolve. Por isso, gostaríamos de perguntar o que é que a Psicolinguística deu à Senhora Professora? Quais são as grandes lições que retira do estudo dessa disciplina?

Julgo que, de uma ou de outra forma, já respondi um pouco a esta pergunta. A Psicolinguística conferiu-me abertura de espírito e uma capacidade de olhar para a realidade em geral, e não só para a que se encontra mais associada à linguagem, com mais objetividade/distância. Não sei, porém, dizer se essa abertura já existia em mim e condicionou a minha aproximação a essa Ciência. Dessa aproximação retiro como mais fecundo o facto de me permitir jogar com o desconfinamento e com o distanciamento, à *la* COVID-19, em qualquer contexto. Resta saber se essa conjugação de desconfinamento e de distanciamento aplicada à minha especialidade jogou ou não a meu favor.

Tendo em conta o vasto conhecimento e experiência da Senhora Professora, não poderíamos deixar de perguntar quais os conselhos que daria a um/uma jovem estudante interessado/a em imergir na Psicolinguística. E quais os desafios que a própria disciplina deverá enfrentar num futuro recente?

Um jovem que se interesse por uma área plural que não exista no cardápio das instituições que tenha por perto terá de optar por começar por uma ponta, passe-se o coloquialismo. A partir dessa formação de base, resta procurar a

complementaridade dessa formação dentro ou fora de muros. E voltamos ao desconfinamento, neste caso geográfico. Atualmente a aldeia sempre é mais global do que quando eu iniciei o meu trajeto acadêmico. E rompi, à minha maneira, com o confinamento.

Os desafios são muitos. A Professora Tatiana Slama-Cazacu via na Psicolinguística uma “multidisciplinarily connected science”. Importa, por isso, retirar dessa Ciência meios que permitam explicar, uma vez que se trata de uma ciência explicativa, o que se passa com todos os intervenientes nas mais variadas tarefas hoje executadas ou que venham a realizar-se que requeiram o processamento da linguagem. É bem provável que, com o incessante avanço do conhecimento, o distanciamento em relação à linguagem e o desconfinamento de áreas singulares façam com que se sinta a necessidade de aumentar as interfaces e assim também, voltando à imagem da Matrioska, o número de bonecas/disciplinas que esta alberga. Haja abertura de espírito porque a Ciência essa é aberta, por natureza.

Sabemos que a Senhora Professora se jubilará em breve. Nesse sentido, gostaria de partilhar connosco quais os projetos, caso eles existam, que planeia iniciar ou dar continuidade nesta nova fase que se avizinha?

A jubilação poderá ser motor de muitas decisões. Motivou, por exemplo, esta entrevista. Não a teria dado, por certo, noutras circunstâncias. Tenho planos, sim, mas gostaria de não os partilhar nesta oportunidade. Ficará para um próximo encontro.

Obrigada por terem vindo ao meu encontro e espero que tenham um futuro brilhante à vossa frente. Felicidades.

U. PORTO

U. PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

clup
Centro de
Linguística da
Universidade do
Porto

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR